

Lúcio Álvaro Marques*

Antropologia e silêncio: veredas do pensamento pré-colombiano

Resumo: Neste artigo, considera-se as críticas de Michel Foucault e Henrique C. De Lima Vaz à «morte» do homem e à entrada dos povos americanos na história, respectivamente. Tem-se em vista responder a essas críticas mediante a análise da compreensão antropológica na obra *Popol Vuh*. O intuito fundamental responde à questão: há uma «antropologia pré-colombiana» que foi silenciada pela história narrada pelo colonizador?

Palavras-chave: Foucault, Lima Vaz, *Popol Vuh*, antropologia pré-colombiana.

Abstract: In this article, we consider the criticism of Michel Foucault and Henrique C. De Lima Vaz to the «death» of man and to the introduction of American peoples in history respectively. We have in view to answer to these criticisms through an analysis of the anthropological understandings that can be taken from the work *Popol Vuh*. The essential purpose of this study relates to the following question: Is there a «pre-Colombian anthropology» that was made silent by the history told by the colonizers?

Keywords: Foucault, Lima Vaz, *Popol Vuh*, pre-Colombian anthropology.

Introdução

O que sabemos da «escolástica colonial»? Essa questão nos confronta diretamente com a arqueologia do pensamento na América. À pergunta «o que

* Lúcio Álvaro Marques. Doutorando do PPG em Filosofia da PUCRS. marques.filos@yahoo.com.br

sabemos de nós mesmos?»), enquanto nascidos na América Latina, só se pode responder mediante uma profunda interrogação sobre o sentido do pensamento na escolástica colonial. Não somos europeus, embora filhos de europeus. Não somos africanos, embora em nossas veias corra sangue africano. Não somos indígenas, embora nossos antepassados tenham vivido entre e em meio às florestas tropicais da América. A pergunta pela identidade do americano conduz ao complexo do encontro de raças e dos liames da colonização do solo, dos corpos e das inteligências na América colonial. Segundo Lima Vaz, «o Brasil entrou na História ao ser atingido pela expansão colonial da Europa moderna»¹. A leitura vaziana da história desconsidera o patrimônio cultural pré-colombiano. Há, segundo ele, uma possibilidade de se chegar a tal conteúdo, porém indiretamente. «Filosofia sobre as culturas pré-colombianas ou sobre o que delas resta é possível e, talvez, interessante, mas só a podemos fazer da mesma maneira com que Platão filosofava sobre os mitos da Lídia ou do Egito»².

Vaz não considera a possibilidade de uma aproximação rigorosa ao pensamento pré-colombiano. Em uma primeira perspectiva, há pesquisas arqueológicas com resultados consideráveis, como as mencionadas por André Proust em *O Brasil antes dos brasileiros*. Em outra perspectiva, há duas obras imprescindíveis que denotam um riquíssimo pensamento e uma elevadíssima elaboração da compreensão antropológica do americano, a saber, *El Libro de los Libros de Chilam Balam*³, que em 1544 já tinha reproduções de partes de seus textos em cadernos de notas dos europeus, e o *Popol Vuh*⁴, da sexta década do século 16. As duas obras narram muito da compreensão americana da natureza, do surgimento do humano, da religião praticada e da chegada dos europeus. Nesse sentido, uma arqueologia do humano não somente faz-se possível, mas permite-nos uma aproximação a outras matrizes de pensamento antropológico, consideravelmente distintas das europeias. Ademais, se Platão filosofou sobre os mitos da Lídia e do Egito, aqui não parece ser o caso. As obras constituem dois monumentos arqueológicos da cosmovisão pré-colombiana, que pouco se assemelham a uma visão mítica. Por isso, discordamos do diagnóstico vaziano e propomo-nos apresentar algumas notas antropológicas características do pensamento pré-colombiano a partir da segunda

1 Cfr. H. C. de LIMA VAZ, «O problema da filosofia no Brasil», *Revista Síntese* 30 (1984) p. 18.

2 *Ibid.*

3 Cfr. *El Libro de los Libros de Chilam Balam*, traducción de A. B. VÁSQUEZ y S. RENDÓN, Fondo de Cultura Económica, México – Buenos Aires 1988.

4 Cfr. *Popol Vuh*, org. G. BROTHERSTON e S. MEDEIROS, Iluminuras, São Paulo 2007.

obra. Mas, afinal, é justo falar de antropologia pré-colombiana no sentido exato da palavra? Há características específicas que constituem uma antropologia diferente das grandes matrizes antropológicas indo-europeias?

1. sA morte da antropologia

Embora Foucault tenha denunciado enfaticamente a morte do homem em *As palavras e as coisas*, mostrando que o empreendimento humano falira em uma história recente, talvez o humano não se dê por vencido tão rapidamente. Foucault retorna à quarta questão kantiana (o que é o homem?), à qual opõe «um riso filosófico – isto é, de certo modo, silencioso»⁵. A conclusão quase apocalíptica da obra coloca o lugar do homem no mundo sob os sinos de alerta.

«Tomando uma cronologia relativamente curta e um recorte geográfico restrito – a cultura européia desde o século XVI – pode-se estar seguro de que o homem é aí uma invenção recente. Não foi em torno dele e de seus segredos que, por muito tempo, obscuramente, o saber rondou. [...] O homem é uma invenção cuja recente data a arqueologia de nosso pensamento mostra facilmente. E talvez o fim próximo. [...] ...como aconteceu, na curva do século XVIII, com o solo do pensamento clássico – então se pode apostar que o homem se desvaneceria, como, na orla do mar, um rosto de areia»⁶.

Assim como Vaz data a entrada do Brasil e do continente americano na história (século 16), Foucault também recua ao mesmo século para precisar a recente invenção do homem que acontece, porém, somente no século 18. Como Foucault aponta «uma cronologia relativamente curta e um recorte geográfico restrito», desconfiamos que a demarcação feita por ambos seja demasiado restrita. Em Vaz, a compreensão da história remete ao «tempo-eixo» e ao desenrolar do pensamento indo-europeu. Em Foucault, a análise remete-se à «cultura européia desde o século XVI». Porém, o surgimento do humano não se localiza em solo europeu, e a compreensão do mesmo talvez não possa, pelo mesmo motivo, restringir-se ao pensamento indo-europeu⁷, embora nele tenham emergido duas matrizes antropológicas que caracterizaram sobremaneira as antropologias ocidentais.

⁵ Cfr. M. FOUCAULT, *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*, tradução de S. T. MUCHAIL, Martins Fontes, São Paulo 2007, p. 473.

⁶ *Ibid.*, p. 536.

⁷ Cfr. A. PROUS, *O Brasil antes dos brasileiros*, Jorge Zahar, Rio de Janeiro 2006, Capítulo I. O autor apresenta uma arqueologia dos movimentos populacionais ao redor do mundo até a chegada à América, bem como à crítica ao eurocentrismo em duas obras de Enrique DUSSEL, a saber, *Filosofia da libertação*, Paulus, São Paulo 1997 e *Ética da libertação*, Vozes, Petrópolis 2012.

Não convém negar as marcas antropológicas deixadas pelo pensamento semita e grego no Ocidente. Por um lado, o pensamento ocidental vincula-se fortemente à compreensão do humano como «imagem e semelhança» (*selem e demut*) do divino segundo a tradição semita⁸. Nele se compreende o humano mediante a criação divina que imprime nele uma identidade (imagem) que tende, continuamente, à busca da semelhança. A identidade do ser humano revela-se na imagem enquanto dom na participação do divino. Ao passo que a semelhança constitui-se dinamicamente por graça através da imitação ou conformação humana. O humano é constitutivamente imagem, porém a sua semelhança decorre da cooperação ou resposta à graça divina: «Criados à imagem de Deus, eles devem passar da imagem ao assemelhamento, do assemelhamento à união»⁹. Essa compreensão antropológica localiza o humano em total dependência frente ao seu Criador, pois o humano compreende-se como imagem *divina*. Por outro lado, há a matriz antropológica indo-europeia, sobretudo, aristotélica. Tal compreensão identifica o humano como ser racional e social: um *zoon logón echón*¹⁰. A racionalidade e a sociabilidade caracterizam essa segunda matriz. Juan Guinés de Sepúlveda, comentando a definição aristotélica em referência aos habitantes da América, afirmou:

«Em prudência como em habilidade, e em virtude como em humanidade, esses bárbaros são tão inferiores aos espanhóis quanto as crianças aos adultos e as mulheres aos homens; entre eles e os espanhóis há tanta diferença quanto entre gente feroz e gente de uma extrema clemência, entre gente prodigiosamente intemperante e seres temperantes e comedidos, e, ousaria dizer, tanta diferença quanto entre os macacos e os homens»¹¹.

Em Aristóteles, a racionalidade e a sociabilidade caracterizam o humano. Para Sepúlveda, essas características estão isentas nos habitantes da América que, ao

⁸ Cfr. *Antigo Testamento Poliglota* : hebraico, grego, português, inglês, ed. L. A. T. SAYÃO. Edições Vida Nova – Sociedade Bíblica do Brasil, São Paulo 2003, Gênesis 1.26.

⁹ Cfr. P. NEMESHEGYI, *La paternité de Dieu chez Origène*, Desclée, Paris – Tournai, 1960, p. 30; H. CROUZEL, *Théologie de l'image de Dieu chez Origène*, Mouton, Paris 1956, p. 217; ORÉGENE D'ALEXANDRIE, *Contre Celse – Tome II, Livres III et IV*, (Sources Chrétiennes, 136), introduction, texte critique, traduction et notes par M. BORRET, Cerf, Paris 1968, II, IV, p. 30.

¹⁰ Aristote, *L'Ethique a Nicomaque*, PUL, Louvain, Vol. 1, 1958, I, 7, 1097b10.

¹¹ Cfr. Juan Ginés de Sepúlveda, *Democrates alter*, p. 33, *apud* Tzvetan TODOROV, *A conquista da América: a questão do outro*, tradução de B. PERRONE-MOISÉS, Martins Fontes, São Paulo 32003, pp. 221-222. Consulta-se também, com igual proveito, uma edição eletrônica da obra em http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/j-genesii-sepulvedae-cordubensis-democrates-alter-sive-de-justis-belli-causis-apud-indos-democrates-segundo-o-de-las-justas-causas-de-la-guerra-contra-los-indios-0/html/0095ca52-82b2-11df-acc7-002185ce6064_14.html#I_0

contrário, são ferozes, intemperantes e tão diferentes quanto o são os macacos dos seres humanos. Nesse sentido, racionalidade e sociabilidade caracterizam a etnia europeia quase como exclusividade frente aos americanos, segundo Sepúlveda.

Mas, essas são as únicas possibilidades de compreensão do humano? Estamos irremediavelmente diante da morte do humano ou de uma antropologia divinatória ou de um humano racional e social que difere radicalmente dos americanos? Pode-se falar de uma antropologia americana que anteceda à entrada da América na história, que anteceda o recorte foucaultiano ou que não se reduza à caracterização de Sepúlveda?

2. Uma antropologia pré-colombiana

A nossa tentativa de destacar notas antropológicas características da América alicerça-se no *Popol Vuh*. Os quatro cantos que constituem a obra narram quatro gerações distintas do humano na América. Os cantos revelam a dança cosmogônica das quatro gerações iniciais até o início da definitiva geração, com a passagem da cosmogonia à história. Dos tempos profundos ou imemorais, narra-se, no primeiro canto, a história da primeira criação humana feita de gente de barro. A essa sucedera a geração da gente de madeira, que se perdera nas florestas como macacos. A terceira geração, inscrita no segundo canto, narra a epopeia dos dois gêmeos, e a quarta geração, no terceiro canto, apresenta uma proto-família em guerra contra os senhores do inframundo, denominado Xibalba. Somente no quarto canto emerge uma geração vigorosa: eis o início da história do povo maia-quiché, que escreveu a obra e narrou, inclusive, a chegada do europeu ao continente. Esse canto apresenta a história de um povo através de doze gerações ou, aproximadamente, dois séculos, povo esse que viveu esse tempo e narrou para preservar a própria memória, pois ele mesmo estava destinado a se perder sob as armas europeias. A narrativa faz memória, pois o próprio povo sabia que não teria como preservar-se para contar a sua história. “Cada um na sua própria família. Assim esta é a natureza de Quiché, *nunca mais vista*. Ela existiu antigamente para os senhores, *mas está perdida*. Assim isto conclui tudo sobre Quiché, chamada Santa Cruz” (8578-8584, itálicos nossos)¹². O lamento que não mais existe refere-se a uma narrativa ainda mais antiga que a conhecida atualmente, a saber, uma narrativa da história de Quiché subjugada pela Santa Cruz europeia.

¹² Os números indicam os versos na edição do *Popol Vuh*, e é como citaremos a obra.

O primeiro canto apresenta um lugar vazio, pois nada ainda tinha forma. Até que os grandes sábios e pensadores «Kah [o Céu] e Kux Kah [o Coração do Céu]» pensaram, refletiram, concluíram e juntaram as suas palavras e «geraram os homens», todo o resto da obra da natureza e fizeram nascer a vida, tirando-a da escuridão. Criaram os homens para que os adorassem, falassem e louvassem. Os grandes sábios modelaram a terra em lama e formaram os homens. No entanto, a fala dos primeiros homens não se desenvolveu, eles não adoraram os seus criadores nem clamaram por sua proteção. Ao contrário, os homens de terra eram demasiado úmidos, não conseguiram andar, não se multiplicaram e não adoraram os seus criadores. Não adoraram, pois a «sua mente está escura a esse respeito, eles disseram. E assim eles [os grandes sábios e pensadores] o destruíram» (474-475). A primeira criação dos homens não obteve êxito, visto que não conseguiram andar, multiplicar e adorar os criadores. Essa tornou-se a razão da sua destruição.

Reconhecido o primeiro fracasso, em seguida os criadores geraram outros seres humanos. A nova criação deveria superar os defeitos da anterior. Não aconteça que novamente se esqueçam dos seus criadores! Os criados deveriam invocar os seus criadores, constituindo um culto e uma memória em torno dos nomes dos criadores: «Deve ser buscado, e será enfim encontrado, um modo de conseguirmos de novo modelar o homem, um modo de conseguirmos formar o homem de novo então, como um sustentador e nutridor. Seremos invocados e seremos lembrados» (511-518). A segunda criação não poderia desapontar os grandes sábios e pensadores que colocaram a seu serviço, a saber, «Ah Qih [Sacerdote do Sol] e Ah Bit [Sacerdote Modelador]». Tal era a inteligência desses que deveriam modelar homens para que correspondessem aos pensamentos e às palavras de «Kah [o Céu] e Kux Kah [o Coração do Céu]». E assim se fez com os homens da segunda criação talhados em madeira.

«Ele fala. Algo na Terra fala, então que assim seja, eles disseram, e enquanto falavam o boneco então foi feito, entalhado na madeira. Eles eram como pessoas. Existiam seres sobre a face da Terra. Eles viveram; eles se multiplicaram. [...] Mas eles não tinham coração e não tinham mente. [...] Era apenas uma primeira tentativa, era apenas um ser para demonstração. Eles falaram muito bem, mas suas faces estavam ressequidas. Suas pernas não estavam preenchidas, nem seus braços. Eles não tinham sangue e soro. Não tinham suor e gordura». (621-654)

Os homens da segunda criação estão bem dispostos; há, porém, falhas biológicas. Carecem de carnes, sangue, soro, suor e gordura. A composição corporal ainda não alcançou algo satisfatório, embora a constituição antropológica

seja razoável, pois fala, tem forma humana, vive e se multiplica. Não obstante isso, a ausência de coração e de mente os tornem indignos de permanecerem na existência. Sem coração e sem mente, não conseguiram pensar e não se recordaram de seus criadores, por isso «foram mortos, foram inteiramente destruídos» (691-692). Mas, a destruição da segunda criação não foi completa. «E assim foi a destruição das pessoas construídas, das pessoas modeladas. Elas foram destruídas, elas foram aniquiladas como pessoas» (801-804). A destruição resumiu-se à perda da condição de pessoas, embora alguns tenham perdido também a forma corporal. daquelas que «foram aniquiladas como pessoas», mas não como criaturas, «se conta que o que sobrou delas [das pessoas] são os macacos que estão hoje na floresta» (809-810).

A segunda criação terminou com a destruição parcial das pessoas modeladas e na «involução» daquelas que escaparam da aniquilação dos corpos. Por isso, os macacos se parecem tanto com as pessoas, pois os que sobraram da segunda criação permaneceram como macacos, perdendo somente a capacidade da fala, pois ainda conservam a forma, vivem e se multiplicam.

O segundo canto celebra a terceira criação humana. Essa terceira geração culmina na glória dos dois irmãos (Hun Ah Pu e X Balam Ke) que se sobrepuseram aos poderes de Vuqub Kaqix, Cipacna e Kaab r Aqan, os supostos senhores da Terra. Vuqub Kaqix apresenta-se como a fonte e a origem de todas as coisas.

«Assim então a face da Terra de repente ficou clara. Não havia o Sol. Mas houve alguém que se vangloriou de sua situação, Vuqub Kaqix (Sete Papagaio) era seu nome. Já havia o Céu e a Terra, mas inteiramente oculta estava a face do Sol e a da Lua. E ele disse isto: “Não é nada, exceto o sinal luminoso das pessoas que se afogaram. Tal qual a essência das pessoas mágicas é a sua essência. Sou grande e guiarei as pessoas construídas, as pessoas modeladas. Sou seu Sol, e sou sua luz. E serei também sua Lua quando aparecer uma. Forte é a minha luminosidade! Sou o caminho e sou a direção para as pessoas». (821-842)

Esse canto narra a presença do primeiro ídolo na Terra. Aquele que quis assumir o lugar do criador e modelador de todas as coisas. Vuqub Kaqix fez-se passar por Sol, Lua, luz, caminho e direção para as pessoas, embora não lhe pertencessem tais honrarias. «Ele apenas desejava grandeza e exaltação» (879-880), pois também os deuses sofrem com os seus desejos demasiado humanos. No entanto, o canto termina com a humilhação do ídolo de toda a Terra.

Os dois irmãos (Hun Ah Pu e X Balam Ke) travam combate contra o ídolo e terminam por enganá-lo, fazendo-o comer um falso alimento. Isso o conduz ao suspiro final. Pois quem o conheceu sempre soube que tudo nele era soberba

e busca de honras. Nada lhe era verdadeiro. Também ele sofria cruéis paixões. As suas paixões foram a sua ruína, pois o seu estômago insaciável e a sua busca de riquezas tornaram-no cego. Os irmãos queriam a sua aniquilação, porém era necessário primeiro saciar-lhe o apetite para que pudessem agir. Eles disseram: «assim, conseguiremos deixá-lo doente e então acabaremos com a opulência dele, suas jóias, sua prata, seu jade, seu tesouro, que é o que o deixa orgulhoso; assim deve ser feito, a fim de que as pessoas não ajam assim. Tal glória é mero metal» (809-920).

Quando se ergueu na Terra um ídolo cujo estômago e ouro eram as suas riquezas, as pessoas estavam em risco. Tal era um deus demasiado humano, pois a riqueza e o alimento o levaram à perdição. Enquanto eles lhe preparavam o alimento final, ele disse: «‘O que é que vocês estão comendo? O cheiro é de fato delicioso. Me dêem um pouco’, ele disse então» (1637-1639). Assim que prepararam o alimento, levaram-no a ele que o ingeriu. Após a refeição, com os sentidos perturbados, foi amarrado, derrubado e enterrado. Assim foi a destruição de Vub Kaqix, que foi arrastado pelo seu apego ao alimento e às riquezas.

O terceiro canto narra a criação e a geração dos dois irmãos, cuja epopeia o segundo canto narrou. Aqueles que destruíram o ídolo no segundo canto agora travam batalha com os senhores do inframundo de Xibalba. Uma curiosa batalha entre os gêmeos que «eram grandes sábios, e grande era seu conhecimento; eles eram grandes videntes aqui na Terra. Boa apenas era a natureza deles, e a sua educação» (1709-1714) e os senhores, cuja fisionomia causava repulsa. Os habitantes do inframundo, embora conservem a sua sabedoria e a sua capacidade oratória, são repulsivos, pois todos os que morrem permanecem somente como ossos, por isso temíveis. Porém, as mudanças em Xibalba não afetam somente a aparência, mas «diferente também é sua natureza» (3666). A batalha acontece no inframundo durante «um jogo de bola» (1738). Nada mais latino-americano que essa característica! Além disso, no inframundo, muitos são repulsivos, pois se dão desregradamente à fornicação (2479). Há alguns ainda que, ao chegarem ao inframundo, transformam-se em «cuatás» (2752), isto é, em macacos e se perdem como os homens da segunda geração. Isso acontece em virtude dos desrespeitos dirigidos aos irmãos mais novos (2890).

Aqueles que não usam a sua inteligência para o que se deve não obterão boa vida no inframundo. O ideal de vida, no canto, pauta-se pela simplicidade, educação e vida no cultivo da terra. Os homens precisam cultivar a terra e dela cuidar, pois é da terra que lhes vem o sustento. A sua dieta depende do trabalho diário: «E esta era a comida: milho, sementes de abóbora, pimenta malagueta,

feijões, cacau e chocolate» (3120-3126). A vida no terceiro canto reflete em todos os aspectos o trabalho da terra e o medo da morte. Mostra-se a agricultura como o único meio de obter alimento saudável e adequado à vida. E repugna-se à morte com veemência, pois altera a aparência, conduz alguns a tornarem-se macacos, outros a permanecerem na fornicção; muda-se a natureza, embora conservem-se sábios e oradores.

Esse canto narra a aventura dos gêmeos frente aos senhores de Xibalba que sucumbem durante o jogo de futebol. A epopeia dos irmãos conclui-se com uma vitória curiosa, pois escapam da morte através da promessa da ressurreição. Os senhores do inframundo apresentam aos gêmeos quatro propostas para o fim da vida: «lançar os ossos no barranco», «pendurá-los numa árvore», «jogar seus ossos no rio» ou «moer seus ossos com uma pedra» (4165-4183). Esses, porém, mostram que mais vantajosa é a ressurreição. Os gêmeos sacrificam inicialmente um cachorro e o ressuscitam (4393-4402). Logo após, ressuscitam um homem.

«E então eles pegaram um homem e o sacrificaram. E tiraram o coração do homem sem demora. E o colocaram diante dos senhores (de Xibalba), e eles ficaram assombrados, Hun Kame e Vuqub Kame. E subitamente a face desse homem foi de novo ressuscitada por eles; seu coração se alegrou muito quando sua face foi ressuscitada, e eles se admiraram, os senhores». (4423-4432)

Foi grande o reconhecimento alcançado pelos gêmeos entre os senhores de Xibalba. Eles venceram a morte com a ressurreição, enquanto os senhores do inframundo também a temiam, pois tinham poder sobre os mortos, mas não sobre a morte. Os gêmeos sacrificaram e ressuscitaram vários seres no inframundo. «Assim então vieram as palavras de Hun Kame e Vuqub Kame: ‘Façam para nós! Sacrifiquem-nos!’», eles disseram então» (4469-4472). Os gêmeos o fizeram mediante a promessa de ressurreição. Sacrificaram Hun Kame, que era o governante de Xibalba, e, em seguida, Vuqub Kame, «mas não ressuscitaram suas faces» (4493). Os senhores do inframundo não atemorizariam mais os homens, pois estavam mortos. Não haveria mais medo entre os homens, pois não haveria mais condenação. A morte dos senhores do inframundo livrou os homens do medo, pois a vida não terminaria na submissão aos senhores de Xibalba. Embora não destruíssem a morte, os castigos de Xibalba estavam destruídos. À morte somente a ressurreição venceria. Quem estava livre de Xibalba poderia alegrar-se na luz, isto é, no reino da luz.

O inframundo atemorizava, porque conduzia os que morrem à servidão perene aos que eram senhores de Xibalba. Além disso, os senhores de Xibalba deixa-

vam órfãos muitos filhos para que os pais os servissem. Essa foi a razão pela qual os gêmeos lutaram para destruir os senhores do inframundo. Quando o fizeram, confortaram os corações dos seus pais, dizendo:

«Mas somos os vingadores da sua morte, da sua perda, da dor e da desgraça que caiu sobre você.» E assim eles se despediram, tendo conquistado Xibalba. E então caminharam de volta para cima, aqui no meio da luz, e imediatamente eles andaram pelo Céu. E um deles é o Sol e o outro é a Lua». (4689-4700)

Essa foi a epopeia dos dois irmãos que até hoje iluminam todos os que estão no mundo e não mais precisam temer a morte, pois não estão mais submissos aos sofrimentos do inframundo. A morte não foi derrotada, mas os castigos no inframundo desapareceram. A morte permanece, assim como a ressurreição. Os que morrem podem viver «no meio da luz» e não nas sombras do inframundo.

Finalmente, temos o quarto canto e a obra da criação definitiva. Os criadores interrogam as suas criaturas: «É agradável sua existência? Vocês sabem das coisas? Não podem ver? Não podem ouvir? Não estão bons sua linguagem e seu andar?» (4897-4902). Os criadores se preocupam com a condição da obra de suas mãos.

A invenção dos homens e de tudo que têm no seu interior foi obra daqueles que têm capacidade de tirar tudo da escuridão e trazer para o reino da luz e da sabedoria. Os criadores «pensaram e meditaram» para realizar a sua obra, e assim se fez. Os homens foram feitos de milho e do sumo do milho, o seu sangue. A comida e a água formaram as carnes dos homens. Os criadores «puseram em palavras a criação, a modelagem de nossa primeira mãe e nosso pai. Apenas de milho amarelo e milho branco eram seus corpos. [...] Eram os quatro homens originais» (4811-4820). Os quatro homens originais de ambos os sexos não tinham mãe nem pai, não foram gerados nem engendrados por mulher, pois foram obra do poder e da magia dos criadores.

«E quando se assemelhavam a homens eles se tornaram homens. Eles falaram e conversaram; eles viram e ouviram; eles caminharam; agarraram as coisas; eles eram homens perfeitos. Eram belos. Face máscula era sua aparência. Eles tiveram alento e existiram. E podiam ver também; imediatamente sua visão começou. Eles começaram a ver; eles chegaram a conhecer tudo sob o Céu, quando puderam ver». (4853-4872)

A gênese dos homens finalmente se completou, pois têm semelhança, fala, visão, audição, locomoção, tato, beleza, virilidade e conhecimento. Os quatro primeiros seres humanos, feminino e masculino, foram criados: «De fato então eles

foram os mais amados dos homens, Balam Kitzé, Balam Aqab, Mahuqutah e Iq Balam» (4889-4894). Não foram expulsos de nenhum paraíso e nem tiveram as suas línguas confundidas, ao contrário, foram os mais amados e conservaram a mesma linguagem. Os homens dessa geração se dispersaram nas quatro regiões da Terra, multiplicaram-se e tornaram-se numerosos. Havia pessoas negras e brancas e de variados aspectos. Como estivessem dispersos por toda a Terra e solitários nas margens do Céu, então buscaram quem os amparasse. Os homens não tinham alimento nem amparo, por isso se voltaram para o Céu. «Apenas orando foi que o obtiveram. Elas eram [pessoas] amantes da palavra; eram adoradoras; eram pessoas piás que inclinavam as faces diante do Céu quando oravam pelas suas filhas e seus filhos...» (5153-5162).

A diferença dessa geração não se reduz à fisionomia e à inteligência, pois tinham semelhança humana, fala, visão, audição, locomoção, tato, beleza, virilidade e conhecimento, além de serem pessoas piás. A piedade permitiu-lhes superar o desamparo. Amavam a palavra, adoravam e eram piedosas. Não se separaram da sua origem. Não se prenderam aos ídolos. Outra característica surpreendente da religiosidade dessa geração se mostra na superação do culto aos deuses visíveis. Adoravam os deuses além da visão. Embora a força divina se manifestasse na natureza, na Lua e no Sol, nos fenômenos cósmicos e meteorológicos, nem por isso lhes atribuíam condição divina. Os povos maias diferem, basicamente, dos nahuas e dos incas por essa característica¹³.

«Enquanto veneravam e oravam. Elas decidiram buscar o amanhecer; olharam apenas na direção do nascer do Sol, a fim de espreitar e ver Aquela que Ultrapassa o Sol, a Grande Estrela, quando o Sol começa a nascer, a que ilumina o que está no Céu, o que está na Terra, o caminho das pessoas construídas, das pessoas modeladas». (5205-5216)

O culto dessa geração não se perturba mais pelas forças cósmicas, mas busca Aquela Estrela que Ultrapassa o Sol. O culto maia revela um desenvolvimento teórico surpreendente, pois supera a visão animística da religião em busca de uma divindade que não se reduz aos astros. Esse modelo religioso aparece diversas vezes no quarto canto: «e eles não podiam comer; eles estavam sempre jejuando. De fato, eles esperavam ansiosamente o amanhecer, desejavam ver o Sol surgir. Então começaram a se alternar para vigiar a Grande Estrela, Aquela

¹³ C. BEORLEGUI, *Historia del pensamiento filosófico latinoamericano: una búsqueda incessante de la identidad*, Deusto, Bilbao 2006, pp. 81-111.

que Ultrapassa o Sol. Ela aparecia antes do Sol; então o Sol nascia depois» (5575-5582). O quarto canto ocupa a metade do *Popol Vuh*, pois apresenta o estágio dos homens mais elevados, a saber, aqueles que alcançaram a vida harmônica diante da Terra, do Sol, da Lua e d'Aquela Estrela que Ultrapassa o Sol. A vida piedosa os fez prosperar e os tornou o povo mais desenvolvido da Terra: «Quiché cresceu orgulhoso quando lá foram criadas Glória e Majestade» (7719-7722).

O povo maia-quiché foi a glória dos povos maias. Porém, também eles experimentaram o fim com a devastação trazida pelo povo castelhano. A grandeza dos maia-quiché permitiu-lhes narrar a própria destruição. Após doze gerações de homens desde o surgimento dos homens de milho, sobreveio a destruição. O calendário maia considerava que o ciclo solar durava trezentos e sessenta e cinco dias, mas «constava só um erro de 17,28 segundos»¹⁴. Com isso, calcula-se em, aproximadamente, duzentos e vinte anos a duração da geração dos homens de milho até o desastre trazido pelo povo castelhano.

Apesar de tamanha evolução, Pedro Alvarado, denominado «Tonatiuh», conquistou os maia-quiché da décima segunda geração, isto é, em março de 1524, obrigando-os a pagar tributo ao povo castelhano e subjugando os demais pela morte, queimando-os vivos no mesmo ano (8410-8420). A obra conclui-se com o lamento da destruição: «Assim esta é a natureza de Quiché, nunca mais vista. Ela existiu antigamente para os senhores, mas está perdida. Assim isto conclui tudo sobre Quiché, chamada Santa Cruz» (8579-8584).

Eis uma obra que, além da memória, clama por justiça aos povos que foram dizimados pela Santa Cruz do povo castelhano. Cruz que se queria Santa e redentora, mas que se revelou como dor, sofrimento, morte e destruição.

3. Uma nova antropologia ou novas leituras

Antes de considerarmos os pressupostos foucaultianos e vazeanos, cumpre recordar os marcos antropológicos predominantes no pensamento indo-europeu (o homem como imagem e semelhança e como ser dotado de racionalidade e sociabilidade). A despeito da (in)compreensão de Sepúlveda acerca da humanidade dos povos pré-colombianos, a obra analisada aponta em direção contrária. O fato de prevalecer somente a quarta geração merece nota, pois somente eles alcançaram o pleno aperfeiçoamento. Tais humanos eram brancos e negros, masculino e

¹⁴ Ibid., p. 97.

feminino, têm os cinco sentidos fundamentais, além da beleza, da virilidade, do conhecimento e da piedade. Deve-se notar ainda que viviam na simplicidade da vida agrícola, acreditavam na ressurreição e adoravam a Estrela que Ultrapassa o Sol. Isso caracteriza uma compreensão antropológica finamente elaborada.

Por outro lado, considerar «uma cronologia relativamente curta e um recorte geográfico restrito – a cultura europeia desde o século XVI», como pretendia Foucault, ou julgar que a América só «entrou na História ao ser atingida pela expansão colonial da Europa moderna» e que uma filosofia dos povos pré-colombianos «só a podemos fazer da mesma maneira com que Platão filosofava sobre os mitos da Lídia ou do Egito» talvez sejam leituras demasiado eurocêntricas. Foucault vê a morte iminente do homem, porque também o reconhece demasiado tarde. Recorrer ao século 16 talvez seja possível só quando se esquece que a modernidade europeia foi gestada no *renascimento* das culturas antigas. O renascimento que, antes de tudo, retornou ao vigor e à pujança do homem grego. Além disso, a leitura de Vaz desconsidera não só as possibilidades da arqueologia como o potencial de obras como *El Libro de los Libros de Chilam Balam* e *Popol Vuh*. Foucault e Vaz têm razão ou precisamos solapar as suas leituras para reconhecer os jogos de poder subjacentes às mesmas? A arqueologia foucaultiana e a historicidade vaziana não precisam ser ultrapassadas em direção a uma leitura e uma capacidade de ouvir os enormes patrimônios arqueológicos dos séculos anteriores?

Para além dessas leituras, há fatos que não nos parecem em nada semelhantes aos mitos da Lídia e do Egito. Ao contrário, uma arqueologia dos americanos antes da chegada dos europeus talvez tenha mais a nos ensinar que propriamente as releituras de filosofias bem estabelecidas nos cânones da história. Na América, há mais vozes silenciadas no período pré-colombiano que todas as palavras ouvidas até hoje. Se tais vozes nada mais dizem, a eloquência do sangue ainda revela quem se deve ouvir.

«Sem entrar em detalhes, e para dar somente uma ideia global (apesar de não nos sentirmos totalmente no direito de arredondar os números em se tratando de vidas humanas), lembramos que em 1500 a população do globo deve ser da ordem de 400 milhões, *dos quais 80 habitam as Américas. Em meados do século XVI, desses 80 milhões, restam 10*»¹⁵.

A obra analisada nessas páginas provavelmente tem ainda muito a nos ensinar. Ela aponta para uma antropologia que, por vezes, parece morta, mas que,

¹⁵ Cfr. T. TODOROV, op. cit., p. 191. Itálicos nossos.

a bem da verdade, está silenciada frente a tantas vozes que preferem não ouvir o clamor do outro. Das grandes identidades que não reconhecem as diferenças antropológicas básicas. Antes de admitir uma demarcação histórica demasiado restrita (século 16) como lugar para uma arqueologia humana ou como marco inicial da história, parece salutar interrogar os arqueólogos da América e as obras monumentais que nos foram legadas pelos povos pré-colombianos.

A pesquisa arqueológica e as obras pré-colombianas talvez permitam, com relativa precisão, reconstruir as cosmovisões pré-colombianas e, assim, sabendo como viveram os «nossos pais», conseguiremos entender melhor o que nos ensinaram os europeus posteriormente. Não cabe negar os benefícios do encontro com os europeus; não obstante isso, lamentamos o silêncio que impuseram a tantas vozes que os antecederam nestas terras.